



Joaquim Chissano em entrevista à BBC

Se o desenvolvimento da luta na África do Sul exigir cortaremos os laços económicos

Horas antes do seu regresso a Moçambique, após ter participado nos trabalhos da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros do nosso país, em escala por Londres, concedeu uma importante entrevista à BBC.

As relações futuras com a África do Sul; o fornecimento de energia eléctrica de Cahora Bassa e o recrutamento de trabalhadores moçambicanos para as minas de ouro daquele país; o «apartheid»; e a luta de libertação dos Povos da Namíbia e do Zimbábue, são pontos principais abordados nessa entrevista, cujo texto passamos a transcrever na íntegra.

BBC — Na sua primeira alocução nas Nações Unidas o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Chissano, fez um ataque violento à África do Sul dizendo que a repressão naquele país tinha atingido um nível até agora nunca conhecido. Gostaríamos de saber se o seu discurso na ONU significava uma linha dura em relação com a África do Sul.

JOAQUIM CHISSANO — Nós sempre dissemos que apoiámos a luta do Povo sul-africano contra o «apartheid» e continuaremos a apoiá-la.

BBC — Que significa isso

na prática? Significa que Moçambique irá apoiar os combatentes da liberdade sul-africana e entrar na África do Sul, através de Moçambique?

CHISSANO — Nós lutámos sempre por soluções pacíficas. Mas se o povo se vir obrigado a recorrer a outros meios para conquistar a sua liberdade, é nosso dever apoiá-lo, assim como o mundo nos apoiou, porque a nossa causa era justa. Portanto, o que nós dizemos é que a África do Sul deve compreender isto, que o «apartheid» está condenado ao fracasso e que por isso deve respeitar os desejos do Po-



As relações da República Popular de Moçambique com os países vizinhos, a Luta da África Austral no seu contexto geral, e em particular em cada um dos países, foram temas abordados pelo Camarada Chissano na entrevista que concedeu à B. B. C., de Londres

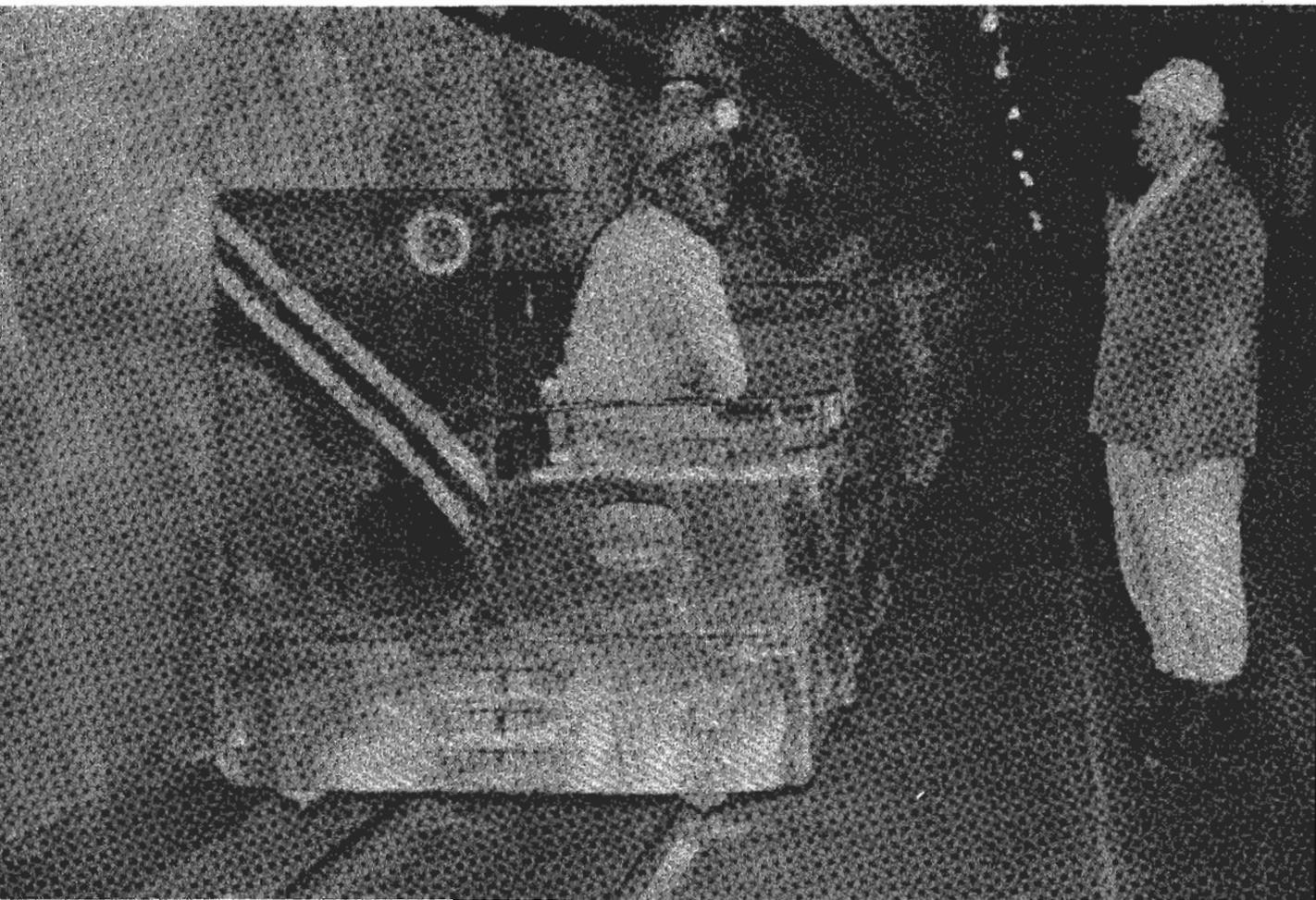
vo sul-africano, e mudar a sua política.

A Luta armada é consequência do desenvolvimento da luta

BBC — Quanto tempo vão dar para que se operem mu-

danças na África do Sul antes de começarem a apoiar a luta armada?

CHISSANO — Não penso que a luta armada seja uma coisa programada. É, isso sim, a consequência do próprio desenvolvimento da luta. A luta pacífica que o Povo da África do Sul está a levar a cabo pode mudar a qualquer momento. Será portanto nessa altura que nós iremos apoiá-los.



Não será Moçambique que vai decidir isso. Isso é uma coisa para ser decidida pelo Povo da África do Sul e a altura para a luta armada depende do desenvolvimento da situação na África do Sul. Portanto isso depende de se o Governo da África do Sul vai cooperar para que leve a cabo os desejos do Povo.

BBC — Existem muitas relações económicas com a África do Sul. Para quando é que, por exemplo, pensam parar com o recrutamento de mineiros para as minas sul-africanas?

CHISSANO — Nós não achamos que devemos parar com isso porque são 150 mil homens que trabalham nas minas. Nesta primeira etapa nós pedimos que lhes sejam dadas boas condições na África do Sul, condições que sejam humanas. Isto teremos que discutir com os sul-africanos. O recrutamento de força de trabalho depende do desenvolvimento de Moçambique. Mas, se o desenvolvimento da luta

na África do Sul exigir que nós cortemos os laços económicos, nós faremos isso.

BBC — Mas de momento não pensam parar com o recrutamento de mineiros para aquele país?

CHISSANO — De momento não.

BBC — E Cahora Bassa? O que tencionam fazer no que respeita a Cahora Bassa? Venderão energia ao Governo da África do Sul?

CHISSANO — Sim. Vamos vender energia à África do Sul, porque sempre dissemos que Cahora Bassa, no que diz respeito à produção de energia, não tem qualquer utilidade para Moçambique e se não vendemos à África do Sul estaremos a desperdiçar toda a electricidade. Mas não podemos deixar confundir isto com o problema político da luta na África do Sul.

BBC — Mas pode ser que sejam forçados a isso. Pode acontecer que se atinja um nível em que vocês digam, «estamos a ganhar tanto dinheiro da África do Sul, co-

mo poderemos apoiar a luta armada nesse país?»

CHISSANO — Não! Isso nunca acontecerá! Nós não sacrificamos princípios por dinheiro. Nós lutámos e houve países que sacrificaram as suas economias para essa luta. Nós estamos preparados para sacrifícios ainda maiores.

Relações com o Malávi e Suazilândia

BBC — No que respeita às relações de Moçambique com os seus vizinhos — Suazilândia e Malávi. Nós sabemos que as relações não estavam muito boas com esses países por causa do apoio que a Suazilândia e o Malávi davam a grupos que eram contra a FRELIMO. Como estão as vossas relações no momento?

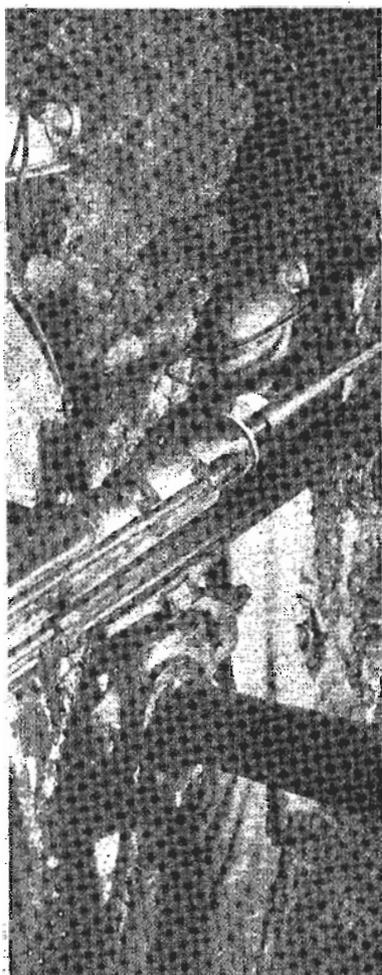
CHISSANO — As relações com a Suazilândia estão mui-

to boas. O Governo da Suazilândia desde o Governo de Transição que nos contactou e mantemos boas relações com eles e estabelecemos relações diplomáticas, e estamos a discutir programas económicos.

No que diz respeito ao Malávi, que cooperou com os Governos português e sul-africano mesmo até à Independência e ao Governo de Transição, nós não tomámos medidas para encetarmos relações, mas não posso dizer que estejamos a tomar qualquer atitude hostil em relação ao Malávi. Todas as nossas relações dependem do que o Malávi decidir....

BBC — Portanto parece que as relações com o Malávi não estão muito boas de momento?

CHISSANO — De momento não existem relações. Não temos relações diplomáticas. Portanto nós nunca discutimos com eles sobre qualquer assunto. Eles têm a sua economia dependente dos nossos portos e isso continua.



AO LADO: O problema dos 150 mil moçambicanos que trabalham nas minas da África do Sul também foi posto em questão. Chissano disse: por enquanto não pararemos com isso. Pedimos é que os tratem em condições humanas



Não consideramos que hajam dois movimentos de Libertação no Zimbábue. Se há divisão é assunto interno do A.N.C. Mas os objectivos imediatos são os mesmos: a libertação do Zimbábue e o Governo de maioria

Nós apoiamos a estratégia que o ANC definir para o Zimbábue

BBC — Para a maioria dos brancos rodésianos a mudança da FRELIMO de um movimento de guerrilha para o Governo de Moçambique independente deve ser motivo de preocupação. Uma fronteira bastante grande significa que as forças de segurança da Rodésia têm de ser mais espalhadas.

E a Rodésia é de certo modo o refém de Moçambique, porque as suas ligações com o Oceano Índico estão controladas pela FRELIMO. Perguntamos-lhe: Vocês irão cortar as ligações férreas com a Rodésia?

CHISSANO — Se isso for bom para o Zimbábue, tomaremos essas medidas. Compete ao A.N.C. definir a estratégia que querem tomar e nós apoiamos essa estratégia.

BBC — O A. N. C. já lhes pediu para cortarem as linhas férreas?

CHISSANO — Não

BBC — E se lhes pedirem para cortarem imediatamente?

CHISSANO — Iriamos analisar a situação, se fizer sentido dentro da estratégia global da luta. Nós não gostaríamos de provocar uma acção isolada que em nada resultaria. Se for positivo para a luta, que está envolvida em muitas outras questões tácticas e está for uma delas, então actuaríamos. Se houver uma luta armada, então, claro, haverá um corte automático de todas as relações.

BBC — No que diz respeito à luta armada, quando é que pensa que deveria começar contra o regime de Smith?

CHISSANO — Isso será determinado pelo A.N.C. Quando o A.N.C. sentir que não há outras alternativas a

não ser a luta armada, então começarão a luta armada.

BBC — De momento existem duas facções na A. N. C. — a de Nkomo e a de Muzorewa. Qual é a facção que Moçambique apoia?

CHISSANO — De momento nós consideramos que isso é um assunto interno do A. N. C. Talvez haja uma divisão, mas é dentro do A. N. C. Não consideramos que haja dois movimentos de libertação. São todos do mesmo movimento dentro da mesma estrutura e posso dizer que têm o mesmo objectivo.

Portanto, nós não consideramos dois movimentos de libertação. O que nós achamos é que o que está a acontecer com o A. N. C. é o que aconteceu com muitos movimentos de libertação.

BBC — Mas a facção de Nkomo e a de Muzorewa não

parecem escolher esse caminho. Estão a procurar apoio em toda a parte e eles irão aproximar-vos para apoiarem um deles e vocês não terão que apoiar um ou outro?

CHISSANO — A nossa posição neste momento é que nós não temos que escolher. Tudo terminará quando um deles por acções, atitudes políticas, por alinhamento claro de orientações, mostrar que é a verdadeira vanguarda que representa os interesses do povo a que nós nos sentimos unidos por ideologia, por princípios. Mas por enquanto, como já disse, os objectivos são os mesmos: a libertação do Zimbábue e o Governo de maioria.